

Nos 20 anos da criação do Prémio de História Contemporânea*

Henrique Barreto Nunes



A minha presença nesta mesa justifica-se pelo facto de ser o único sobrevivente da equipa que criou o Prémio de História Contemporânea (PHC) em 1991.

Recuando no tempo, recordo com saudade que no princípio de 2003 nos deixou o Professor Hélio O. Alves, a figura que o Doutor Victor de Sá sugeriu ao Conselho Cultural para coordenar a comissão executiva do Prémio por ele proposto e que, com enorme entusiasmo e dedicação, direi mesmo, muitas vezes com grande teimosia e persistência, foi o cabouqueiro da organização deste projecto de que tanto nos orgulhamos.

* Intervenção na sessão de abertura do Colóquio “História e historiografia portuguesa contemporânea: balanço nos 20 anos do Prémio Victor de Sá de História Contemporânea”, realizada no salão nobre da Universidade do Minho, no dia 14 de Dezembro de 2011.

Mesmo no final desse ano de 2003 foi a vez de Victor de Sá abandonar o nosso convívio, ele que foi o principal criador, o verdadeiro mentor deste prémio, em cuja estruturação e dinamização esteve sempre, generosa e empenhadamente presente, pelo menos enquanto as forças e a saúde o permitiram.

Finalmente, em 2007, deixamos de contar com a presença amiga e solidária do Professor Lúcio Craveiro da Silva, o primeiro presidente e verdadeiro anjo tutelar do Conselho Cultural, o qual, com sageza e permanente abertura de espírito à novidade, à inovação, rapidamente intuiu da sua importância, logo que a sugestão da criação do PHC Ihe foi apresentada, tendo acompanhado a sua institucionalização e desenvolvimento com o entusiasmo que todos Ihe conhecíamos. Defendeu o seu reconhecimento junto da Reitoria e acompanhou os aspectos burocráticos do seu lançamento anual, estando sempre presente, jubilosamente, nos momentos de consagração dos jovens investigadores premiados, que muito apreciava e incentivava.

Eu surjo neste processo porque mereci da amizade e confiança do doutor Victor de Sá, de quem fui interlocutor privilegiado num momento particularmente difícil da sua vida, quer quando tomou a decisão de dar um destino condigno e adequado ao seu espólio documental (*nem todos os papéis se rasgam ou deitam fora*, escreveu ele um dia), que começou a ser depositado na Biblioteca Pública de Braga a partir de 1984, quer quando Ihe surgiu a ideia da criação de um prémio que se destinaria a jovens investigadores da história contemporânea de Portugal, *projectando desse modo* (segundo as suas palavras) *aquilo que havia sido a minha preocupação como docente e investigador dessa área*.

E prossegue: *comecei então a associar no meu espírito a doação dos meus direitos de autor à dinamização dos núcleos documentais depositados na Biblioteca Pública de Braga. E como por essa altura se instituiu o Conselho Cultural, foi para este que se viraram as minhas atenções*.

Não vos vou maçar mais por agora com pormenores acerca da criação do PHC, até porque uma “memória” praticamente inédita sobre a génese e institucionalização deste prémio, escrita por V. Sá em 1993, é reproduzida com comentários meus, para melhor contextualizar os acontecimentos, no livro que logo à tarde vai aqui ser apresentado (“O mundo continuará a girar”, Braga: Conselho Cultural da Univ. do Minho, CITCEM, 2011).

Apenas mais uma nota relativa a um aspecto desconhecido sobre a denominação do Prémio de História Contemporânea.

O professor doutor Vítor Aguiar e Silva, então vice-reitor da Universidade do Minho, manifestou a V. Sá, por meu intermédio, em Junho de 1991, o desejo da Reitoria de que o prémio fosse designado com o seu nome.

Victor de Sá, naturalmente sensibilizado com a sugestão, agradeceu mas recusou pelas razões expostas numa carta de 16 Jun 1991 dirigida ao professor Aguiar e Silva, de que se conserva cópia no seu espólio:

Em primeiro lugar o objectivo do Prémio é contribuir para o incitamento investigativo e dignificação de uma área de conhecimento histórico que se acha entre nós muito desprezada, situação de que tenho uma rara e aguda consciência. Não me move motivo de vaidade nem de promoção pessoal.

Por outro lado considero o meu nome muito polémico, susceptível portanto de levantar muitas reservas. Sei pela experiência de uma vida que o nome toma múltiplas significações simbólicas, nem sempre favoráveis, conforme as inclinações de cada um.

Ora eu não desejaria afastar fosse quem fosse, colocando esse nome polémico na designação pública de um prémio que, se de algum modo é generoso, é sobretudo um incentivo para as gerações mais novas e que eu desejaria isento de quaisquer conotações que, de facto, de todo lhe são alheias.

Estes os principais argumentos aduzidos por V. Sá para recusar que o prémio fosse designado com o seu nome e cuja lucidez, considerando ainda aspectos relacionados com o desejável apoio mecenático que lhe estaria subjacente, o professor Aguiar e Silva aceitou, não se eximindo no entanto de perguntar na carta com que lhe respondeu: *Quando deixaremos de ser um país inquisitorial?*

O Prémio só passaria a ser designado com o nome por que hoje é conhecido (Prémio Victor de Sá de História Contemporânea) a partir de 2006, na sequência de uma proposta nesse sentido que o professor José Viriato Capela, que

tinha passado a ser o coordenador da sua comissão executiva, e eu fizemos ao C. Cultural, que a aprovou unanimemente, tendo sido depois ratificada pela Reitoria da U. M.

Da análise do prémio, da sua real importância e dimensão e do seu impacto e prestígio no meio académico nacional se encarregará seguidamente o professor J. V. Capela, estando o respectivo texto publicado no livro que já referi e que não teria vindo a lume se não fosse o interesse e a disponibilidade do CITCEM, em especial do professor Francisco Mendes, a quem agradeço de modo muito especial todo o cuidado e atenção posto na sua edição.

Não posso terminar esta intervenção sem me referir de novo a Victor de Sá, aproveitando para saudar afectuosamente os seus filhos Victor e Osvaldo e o neto Marcos (de referir que Victor e Marcos também foram deputados na Assembleia da República) aqui presentes, uma personalidade a que associo sempre as ideias de saber, coragem, solidariedade e generosidade.

Victor de Sá foi um Homem para quem a história e a vida, a investigação e o trabalho, a docência e a intervenção cívica sempre se articularam dura mas harmoniosamente, constituindo um exemplo que devemos realçar nestes tempos desencantados em que as figuras morais são cada vez mais raras, são cada vez mais necessárias.



Victor Louro e Marcos Sá, filho e neto do Doutor Victor de Sá.